

ELIZABETH CLARK E A “INVENÇÃO” DOS ESTUDOS SOBRE AS DEVOTAS CRISTÃS NA ANTIGUIDADE TARDIA¹

Gilvan Ventura da Silva²

Resumo: Neste artigo, temos por objetivo refletir sobre a trajetória de Elizabeth Clark (1938-2021), historiadora norte-americana que se notabilizou como uma das primeiras especialistas a enfocar a atuação das mulheres no cristianismo antigo, em especial na fase final do Império Romano, quando as cristãs despontam como notáveis ascetas e patronas de igrejas e mosteiros, contribuindo assim para o processo de cristianização, então em curso. Nesse sentido, discutiremos o legado intelectual da autora, cuja obra se situa na confluência entre a História das Mulheres, os Estudos de Gênero e a Antiguidade Tardia.

Palavras-chave: *Antiguidade Tardia; História das Mulheres; Cristianismo; Elizabeth Clark.*

ELIZABETH CLARK AND THE ‘INVENTION’ OF THE STUDIES REGARDING THE CHRISTIAN FEMALE DEVOTEES IN LATE ANTIQUITY

Abstract: *In this article, we intend to reflect on the career of Elizabeth Clark (1938-2021), an American historian who became famous as one of the first scholars interested in the female position within the ancient Christianity, particularly in the last phase of the Roman Empire, when the women acquired visibility as remarkable practitioners of asceticism and patronesses of churches and monasteries, contributing to the process of Christianisation. In order to do that, we will focus on the intellectual legacy of an author whose work combines elements taken from three research fields: History of Women, Gender Studies and Late Antiquity.*

Keywords: *Late Antiquity; History of Women; Christianity; Elizabeth Clark.*

¹ Recebido em 23 de abril de 2024 e aprovado em 31 de julho de 2024.

² Professor titular de História Antiga da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Doutor em História pela Universidade de São Paulo (USP), bolsista produtividade 1-C do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pesquisador do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (Leir). Atualmente, executa o projeto “Os desafios da gestão pública na cidade pós-clássica: as transformações na governança de Antioquia (354-397 d.C.)”. ORCID: 0000-0002-4868-6596.

Elizabeth Ann Clark, ou tão somente Elizabeth A. Clark, como costumava assinar, foi uma das mais renomadas historiadoras norte-americanas da segunda metade do século XX, tendo iniciado sua carreira num momento de grande efervescência política, em particular nos Estados Unidos, país que, implicado por mais de duas décadas numa guerra desastrosa como foi a campanha do Vietnã (1955-1975), vivia, em ambiente doméstico, profundas transformações devido à mobilização de amplos setores da sociedade norte-americana em defesa dos direitos civis, num processo que envolveu instituições públicas e privadas, incluindo as universidades. Numa conjuntura como essa, Elizabeth Clark se distingue, em primeiro lugar, por sua *expertise* intelectual, que incluía os Estudos de Religião, área de conhecimento na qual obteve seus títulos acadêmicos, mas não apenas, pois a autora pode ser considerada uma das primeiras historiadoras profissionais a aderir a dois novos domínios de especialização historiográfica que começavam a florescer: a Antiguidade Tardia – em alemão, *Spätantike* – e a História das Mulheres, esta última um ramo subsidiário da História Social que, à época, era prevalente nos meios universitários. Nesse sentido, o trabalho de Elizabeth Clark contribuiu para aproximar a Patrística das novas correntes historiográficas que despontavam como resultado dos debates travados pelos autores filiados à Escola dos Annales e do diálogo cada vez maior entre historiadores e antropólogos, o que possibilitou, mais do que um *aggiornamento*, uma profunda reconfiguração do paradigma com base no qual a fase final do Império Romano e os primeiros séculos da Idade Média eram amiúde interpretados. Desse modo, os especialistas em religião – vale dizer, em cristianismo – sentiam-se mais à vontade para ler os autores cristãos da Antiguidade sob uma perspectiva histórica, ou seja, atenta ao contexto social, em vez de manter-se circunscritos a uma análise intratextual balizada por princípios filosóficos, teológicos e filológicos, como previam os cânones da Patrística. Além disso, Elizabeth Clark assumiu a missão de recuperar, nas entrelinhas desse imenso *corpus* documental constituído pelos escritos dos Padres da Igreja, o lugar ocupado pela figura feminina, tendo então se notabilizado como uma das primeiras especialistas em Antiguidade a se filiar à História das Mulheres. Por todas essas razões, a autora detém, sem dúvida, uma posição de destaque no cenário historiográfico contemporâneo.

Elizabeth Ann Clark nasceu em 27 de setembro de 1938, em Port Chester, no estado de Nova Iorque, tendo, aos 9 anos, se transferido com sua família para Delhi, uma pequena cidade do condado de Delaware, NY. Quando do seu

ingresso no ensino médio, seu contato com a História revelou-se decepcionante, já que as aulas da disciplina se resumiam à cópia daquilo que os professores escreviam na lousa. Os livros adotados, por sua vez, eram inadequados, ao menos para aqueles que desejassem submeter-se ao *New York State Regents Examinations*, um exame certificado pelo estado de Nova Iorque para a obtenção de um *Regents Diploma*, ou seja, uma habilitação para cursar o ensino superior. Como, à época, o programa da prova de História incluía conteúdos que Elizabeth Clark não havia aprendido ao longo de sua vida escolar, não lhe restou outra alternativa senão estudar por conta própria, conforme ela mesma declara num artigo publicado no *The Catholic Historical Review*, no qual faz um balanço de sua carreira (Clark, 2015, p. 2). Tendo obtido sucesso no exame, Clark foi contemplada com uma bolsa de estudos paga pelo governo para cursar o ensino superior, desde que a instituição de destino fosse sediada no estado de Nova Iorque. Com a anuência da mãe, matricula-se então no Vassar College, uma faculdade para mulheres fundada em 1861 e tida como uma das mais respeitadas instituições educacionais dos Estados Unidos. Caloura em 1956, deu assim início à sua formação acadêmica, cuja espinha dorsal foram os Estudos de Religião conjugados com a História.

Em 1960, Elizabeth Clark obteve, por Vassar, o grau de Bachelor of Arts (BA) em Estudos de Religião, o que a autorizava a candidatar-se à pós-graduação. Contando ainda com o apoio financeiro do estado de Nova York, matriculou-se, em setembro do mesmo ano, no Union Theological Seminary, um instituto da Columbia University, com a intenção de dar continuidade aos estudos iniciados em Vassar, embora não houvesse ainda decidido se optaria por especializar-se em cristianismo antigo ou nos debates teológicos próprios do século XX. A escolha, enfim, foi pelo cristianismo antigo, o que a obrigou a aprender o grego, língua que, ao contrário do latim, não havia estudado no ensino médio nem tampouco na faculdade. Em Columbia, frequentou algumas disciplinas em História do Cristianismo, embora a maior parte da grade curricular tenha sido consumida em cursos de Patrística e Teologia, bem como de Filosofia. A bem da verdade, malgrado sua formação intelectual tenha sido bastante influenciada pelas aulas de História que acompanhou em Vassar, Clark sempre se mostrou particularmente interessada em Filosofia, disciplina que considerava um valioso complemento aos estudos de Patrística e uma importante credencial para aqueles que, como ela, se preparavam para exercer o magistério (Clark, 2015, p. 5). Por esse motivo, e seduzida pelas aulas de filosofia helenística

ministradas por Paul Kristeller, decidiu eleger como tema de sua tese de doutorado a maneira como Clemente de Alexandria, um autor cristão do século II, se apropriava das categorias aristotélicas na exposição do seu pensamento, trabalho que veio a lume, em 1965, com o título *The influence of Aristotelian thought on Clement of Alexandria: a study in philosophical transmission*. Na oportunidade, contou com a orientação acadêmica de Cyril Richardson, um especialista em cristianismo antigo pertencente aos quadros do Union Theological Seminary.

Em agosto de 1964, após concluir a pós-graduação, Elizabeth Clark dá início à sua carreira como docente do Mary Washington College, um ramo subsidiário da University of Virginia sediado em Fredericksburg, que mais tarde veio a se tornar a University of Mary Washington. Sua contratação se devia a motivos estratégicos, pois caberia a ela fundar o Departamento de Religião do *college*, o que lhe exigiu um grande esforço intelectual, pois teve de lidar com uma variedade de assuntos que excediam seu campo de formação, a exemplo de teologia contemporânea e História do Judaísmo. É nesse contexto que começa a se envolver mais de perto com o movimento feminista, tendo sido a cofundadora, em Fredericksburg, da seção regional do National Organization for Women (NOW), organização criada, em 1966, com a missão de promover os direitos das mulheres que rapidamente se expande pelos Estados Unidos, o que permite a Clark associar a militância política aos debates acadêmicos. Dentre os muitos cursos que lecionou durante sua permanência no Mary Washington College, merece destaque aquele voltado para as reflexões acerca da relação entre as mulheres e a religião, à época um dos primeiros destinados a discutir o assunto nos círculos universitários norte-americanos, o que demonstra a sintonia da autora com as transformações sociais ocorridas, não apenas nos Estados Unidos, mas em diversos países, transformações estas que sinalizavam o ingresso de novos atores no jogo político, a exemplo das mulheres. Daí em diante, envolve-se num ciclo de palestras e conferências em defesa do *Equal Rights Amendment*, que propunha a inclusão, na constituição norte-americana, de uma emenda garantindo a igualdade entre os sexos. Vale a pena acrescentar que, por essa época, Clark se engajou na campanha contra a Guerra do Vietnã, assunto que se encontrava então na ordem do dia.

Nos primeiros anos vividos no Mary Washington College, Elizabeth Clark dividiu seu tempo entre a gestão do Departamento de Religião, a organização dos cursos e aulas, a militância política e as viagens por países

do Velho e do Novo Mundo (Clark, 2015, p. 7). Em meados dos anos 1970, no entanto, mostrava-se inquieta e pronta para assumir outros desafios, o que a levou a inaugurar uma nova fase em sua carreira: a de escritora de livros e artigos, atividade que havia deixado em segundo plano por mais de uma década. Essa nova fase tem início com a publicação, em 1977, de *Women and religion: a feminist sourcebook of Christian thought*³, em colaboração com Herbert Richardson, obra que recolhia extratos das fontes selecionadas por Clark para compor a bibliografia do curso sobre mulher e religião ministrado no Mary Washington College. Como sugeria o subtítulo, tratava-se de uma coletânea de textos provenientes da lavra de autores cristãos, num espectro que ia do Novo Testamento aos sistemas teológicos do século XX, tendo cumprido um importante papel no sentido de disponibilizar aos interessados na História das Mulheres um instrumento de pesquisa confiável, haja vista a escassez de manuais de ensino superior que possibilitassem a abordagem do assunto com base em fontes primárias, procedimento metodológico que Clark sempre fez questão de priorizar. Além disso, o emprego do adjetivo *feminist* para qualificar a coletânea anunciava se tratar de uma obra forjada no calor da assim denominada “Segunda Onda” do movimento feminista, quando os pesquisadores começavam a se interessar cada vez mais pelo estudo das mulheres, o que exigia, por óbvio, os recursos bibliográficos necessários, carência que *Women and religion* buscou, em parte, suprir (Clark; Richardson, 1996, p. xi). Ainda em 1977, pelas mãos de Herbert Richardson, seu parceiro na edição de *Women and religion*, Elizabeth Clark obtém outra importante conquista profissional: a edição de seu trabalho de mestrado, *Clement’s use of Aristotle: the Aristotelian contribution to Clement of Alexandria’s Refutation of Gnosticism*, o primeiro livro publicado pela Edwin Mellen Press, editora recém-fundada por Richardson.

A experiência profissional adquirida no Mary Washington College foi decisiva, não apenas para que Elizabeth Clark se familiarizasse com a prática docente, pois antes de deixar, em 1964, a Columbia University, ela jamais havia atuado como professora, mas também para seu amadurecimento inte-

³ Na elaboração deste artigo, consultamos a edição revista e ampliada da obra publicada, em 1996, pela HarperOne. Por ocasião do relançamento, a cargo de Gary Brower e Randall Styers, dois alunos de Elizabeth Clark, a coletânea foi renomeada como *Women and religion: the original sourcebook of women in Christian thought*.

lectual e político, o que lhe permitiu operar um ajuste de rota na própria carreira, passando a dedicar-se, de início, à História das Mulheres e, em seguida, com o surgimento dos *Gender Studies*, à História das Relações de Gênero. No entanto, a permanência no Mary Washington College lhe capacitou também a exercer a função de orientadora acadêmica, tendo sido responsável pela formação de diversos graduandos, muitos deles provenientes das camadas inferiores da sociedade norte-americana, que acolheu e orientou, o que, no fim das contas, foi mais uma modalidade do ativismo político sempre presente em sua trajetória como profissional do ensino superior. Igualmente importante foi o desempenho de Clark como gestora acadêmica. Tendo fundado, em 1964, o Departamento de Religião do Mary Washington College, o chefiou até 1979, ano em que, devido a uma reforma administrativa, o departamento foi fundido com os de Filosofia e de Clássicos. Nos anos seguintes, continuou na chefia do novo departamento ampliado, até que, em 1982, foi convidada a assumir a cadeira de professora titular da Duke University, localizada em Durham, no estado da Carolina do Norte, o que a habilitaria a atuar no ensino de pós-graduação, uma experiência nova para ela.

Uma vez contratada pela Duke, Elizabeth Clark logo se distinguiu como uma formadora de recursos humanos em Antiguidade Tardia, com ênfase nos estudos feministas, o que a tornou referência em âmbito nacional e internacional. A opção por especializar-se nos últimos séculos do Império Romano vinha se delineando desde 1979, quando da publicação de *Jerome, Chrysostom, and Friends*, uma coletânea de textos de autores da Patrística acerca do ascetismo feminino. Tal opção é confirmada com *The Golden Bough, the Oaken Cross: The “Virgilian Cento” of Faltonia Betitia Proba*, obra de 1981 escrita nos seus últimos anos de trabalho no Mary Washington College, em colaboração com Diane Hatch, uma colega de departamento. Nela, Clark e Hatch ofertavam ao público uma edição traduzida e comentada do *Cento vergilianus de laudibus Christi*, poema composto, em meados do século IV, por Faltônia Betícia Proba, no qual a autora fazia uso dos versos virgilianos para narrar a história de Jesus. Considerando a notória carência de textos antigos de autoria feminina, a publicação, em língua inglesa, do poema de Betícia Proba assumia evidente relevância, num momento em que a História das Mulheres buscava afirmar suas credenciais, o que não poderia passar despercebido a uma pesquisadora atenta como era Elizabeth Clark. Em 1984, a autora publica *The life of Melania the Younger: introduction, translation, and commentary*,

uma biografia sobre a vida de Melânia, a Jovem, uma rica aristocrata romana que, aos 20 anos, decide, com o apoio de seu esposo, Piniano, abraçar a vida monástica, motivo pelo qual se desfaz de suas inúmeras propriedades e escravos, investindo os recursos assim obtidos na fundação de mosteiros, no sustento do clero e no patrocínio de obras de caridade. Assim como a publicação do poema de Betícia Proba, a tradução da vida de Melânia, a Jovem, representava mais uma iniciativa de Clark no sentido de lançar luz sobre as mulheres da Antiguidade Tardia, ao mesmo tempo que colocava à disposição do grande público fontes antigas nem sempre acessíveis no vernáculo, como já havia feito em *Jerome, Chrysostom, and friends* e como faria, em 1983, em *Women in the Early Church*, uma coletânea de textos relativos à condição feminina escritos pelos autores da Patrística, a exemplo de Agostinho, Jerônimo, Ambrósio, João Crisóstomo e outros.

Assim como no Mary Washington College, Elizabeth Clark, ao transferir-se para Duke, atuou não apenas como docente e investigadora, mas também como gestora, participando de inúmeras comissões que exigiam a presença dos professores mais bem qualificados, o que cedo a levou a perceber o quanto o corpo docente da instituição, à época, era composto, em sua maioria, por homens, que, por sua vez, nem sempre se mostravam favoráveis à contratação de profissionais do sexo feminino. Apesar dessa situação, Clark empenhou-se bastante na promoção dos estudos feministas, tendo sido uma das principais responsáveis pela conversão da Duke University num importante centro de estudo sobre as mulheres nos Estados Unidos, ao congregar pesquisadores em Antiguidade, Idade Média e Idade Moderna provenientes da University of North Carolina at Chapel Hill e demais instituições vizinhas que se reuniam mensalmente para discutir os projetos científicos em andamento. A essa altura, o nome de Clark já se encontrava associado, em definitivo, aos estudos feministas e à Antiguidade Tardia, o que, no decorrer da década de 1990, deu ensejo ao aparecimento de obras como *St. Augustine on marriage and sexuality* e *Reading renunciation: asceticism and Scripture*. Já em 2000, funda o Duke's Center for Late Ancient Studies, que, em 2018, é renomeado para Elizabeth A. Clark Center for Late Studies, como um reconhecimento da universidade à contribuição intelectual de uma das suas mais distintas professoras.

À parte das atividades executadas na Duke University, Elizabeth Clark assumiu, em mais de uma oportunidade, a direção de associações científicas de abrangência nacional, tendo presidido, em 1987, a American Society of

Church History; em 1989, a North American Patristics Society; e, em 1990, a American Academy of Religion (Wharton, 2003, p. 383). Em seguida, decidiu enfrentar um novo desafio: a criação de um periódico que exprimisse a renovação teórica pela qual os estudos de cristianismo antigo vinham passando, o que a levou a fundar, em 1993, o *The Journal of Early Christian Studies*, em parceria com Everett Ferguson, docente do Abilene Christian College. A proposta do periódico era dar vazão aos trabalhos que não encontravam abrigo nas revistas especializadas em estudos patrísticos, como, por exemplo, aqueles realizados à luz dos estudos feministas e da teoria literária. Além disso, pretendia-se também publicar artigos nos quais os autores explorassem os diversos sistemas religiosos da Antiguidade Tardia – e não apenas o cristianismo – e incorporassem a contribuição da Arqueologia na interpretação das fontes literárias. A criação do *The Journal of Early Christian Studies* se encontrava, assim, em sintonia com a adoção de um *approach* eminentemente histórico na interpretação dos textos teológicos e com a incorporação de novas teorias e métodos de análise pelos Estudos de Religião (Martin, 2005, p. 10). A iniciativa, apoiada pela The Johns Hopkins University Press, foi tão bem-sucedida que, em 1995, o periódico recebeu, da Association of American Publishers, o prêmio de *Best New Journal in the Humanities*. Segundo Brakke, Ferguson e Burns, num editorial publicado em 2006, quando Clark deixava o cargo de editora do periódico após treze anos de trabalho ininterruptos, o mais importante fator para o sucesso do *JECS* foi o papel de liderança exercido por sua fundadora, o que lhe valeu, em 2001, o título de doutora *honoris causa* pela University of Uppsala, mesmo título que veio a receber, em 2013, pela Yale University. Por fim, vale a pena mencionar que Clark também se notabilizou como uma professora devotada aos seus alunos, pelo que foi laureada, em 2010, com o Dean's Award for Excellence in Mentoring, prêmio concedido pela Duke's Graduate School. Elizabeth Clark faleceu em 7 de setembro de 2021, aos 82 anos, no hospital da Duke University, instituição na qual trabalhou por 40 anos e da qual foi professora emérita de Religião e professora de História.

Se Peter Brown pode ser considerado, a justo título, o fundador dos estudos de Antiguidade Tardia tal como hoje praticados em diversas partes do mundo, talvez não seja um equívoco afirmar que Elizabeth Clark praticamente inventou o estudo das mulheres na fase final do Mundo Antigo com base no seu sólido conhecimento da literatura cristã posterior à época neotestamentária. Tendo concluído sua formação acadêmica numa conjun-

tura na qual muitos pesquisadores começavam a buscar, na História, as vozes das mulheres do passado como uma maneira de conferir visibilidade a personagens até então ignoradas, Clark encontrou, nos textos dos Padres da Igreja, solo fértil para empreender seu trabalho de investigação que, de início, se alinhava com a História das Mulheres em seu sentido clássico, isto é, aquela feita segundo os pressupostos da História Social. Em seguida, por influência do conceito de “gênero” e do *linguistic turn*, suas reflexões adquirem um grau maior de sofisticação, quando então passa a investir menos na reconstrução da experiência feminina *per se*, optando por se dedicar à reflexão sobre como as mulheres eram representadas pelos autores da Patrística, que, por meio dos seus constructos literários, a maioria deles de teor claramente normativo, nos permitem capturar as relações de poder estabelecidas entre homens e mulheres na época tardia do Império Romano. Malgrado o empenho louvável da autora em tornar mais acessíveis as fontes capazes de viabilizar os estudos sobre as mulheres na Antiguidade Tardia, o que resultou, por exemplo, nas coletâneas *Women and religion; Jerome, Chrysostom, and friends*; e *Women in the Early Church*, bem como nas traduções do *Cento Virgiliano*, de Faltônia Betícia Proba, e numa biografia de Melânia, a Jovem, obras às quais já aludimos, o trabalho intelectual de Clark girou em torno de três temas fundamentais para a compreensão do lugar ocupado pelas mulheres no cristianismo tardo-antigo: o ascetismo, o patronato e os sistemas de representação – vale dizer, os pressupostos ideológicos – que configuravam a imagem feminina.

A preocupação de Clark com as modalidades de ascetismo praticadas pelas mulheres na Antiguidade Tardia tem suas raízes na atenção que, ao longo da década de 1980, os especialistas em História Antiga começavam a dispensar ao corpo e à construção do *self*, sem dúvida estimulados pelas reflexões seminais de Michel Foucault, em sua *História da sexualidade*, acerca da maneira pela qual gregos e romanos lidaram com seus impulsos sexuais, estabelecendo-se assim um programa de estudos que deu margem, em 1988, ao aparecimento de *Body and society: men, women, and sexual renunciation in Early Christianity*, de Peter Brown, obra tida como um divisor de águas na historiografia sobre o assunto⁴. Não obstante a importância de *Body and society* para a compreensão das formas de ascetismo praticadas pelos cristãos

⁴ A edição da obra de Peter Brown por nós consultada foi a brasileira, publicada, em 1990, pela Jorge Zahar.

no Mundo Antigo, é necessário ponderar que Brown não era então o único a seguir pela trilha aberta por Foucault, uma vez que Elizabeth Clark, retomando as investigações acerca do monacato, um dos principais fenômenos religiosos de matiz cristão, o fazia sob o prisma da História das Mulheres. Ao trilhar esse caminho, foi então capaz de iluminar a nova posição ocupada, na Igreja, por aquelas que decidiram romper com as convenções segundo as quais à mulher estariam reservados, por natureza, os papéis de filha, esposa e mãe para viver uma vida de reclusão e de renúncia sexual, o que lhes permitia, por um lado, desvencilhar-se da *manus* masculina e, por outro, retomar o controle sobre o próprio corpo. Segundo a hipótese formulada por Clark (1983, p. 16-17), as virgens e viúvas que, na Antiguidade Tardia, decidiram devotar-se ao serviço eclesiástico, rejeitando assim a tutela dos parentes masculinos (pais, irmãos, tios, esposos), puderam viver novas experiências proporcionadas pela instrução religiosa, pela contemplação, pela peregrinação e pelo trabalho caritativo, além de serem autorizadas a administrar suas próprias unidades habitacionais, fossem elas residências domésticas nas quais viviam com suas companheiras ou mesmo mosteiros que reuniam dezenas de monjas, como aqueles fundados, no Egito, por iniciativa de Pacômio. Desse modo, na opinião da autora, o ascetismo constituiu, para as cristãs da época tardia, uma via privilegiada de acesso à liberdade e de elevação do seu status, na medida em que a maioria dos Padres da Igreja acreditava que, por meio da mortificação do corpo, as mulheres seriam capazes de superar suas imperfeições e alcançar um grau superior de existência, convertendo-se assim em modelos de santidade para as gerações seguintes.

Num artigo destinado a revisar algumas conclusões de Foucault acerca das supostas discontinuidades entre pagãos e cristãos no que dizia respeito ao modo como ambos os grupos lidavam com a sexualidade, Elizabeth Clark (1988) identifica, na experiência dos monges do deserto, a retomada de diversos valores caros aos filósofos e aristocratas gregos, em particular àqueles atenienses, a exemplo do autocontrole, da luta do indivíduo contra as próprias paixões (o sexo, a vanglória, a cobiça). Essa retomada era agora interpretada nos termos de uma “guerra santa”, motivo pelo qual a ética da *sophrosyne* viril que Foucault atribuía aos atenienses poderia ser detectada também no ambiente monástico, o mesmo ocorrendo com o desejo dos gregos em criar para si uma vida mais brilhante do que a de seus contemporâneos mediante a observância de diversas restrições (privação do sono, do alimento, das relações sexuais), traço distintivo que Clark identifica na ro-

tina dos monges do deserto que, assim como os filósofos, aspiravam à perfeição. Desse ponto de vista, não seria decerto errôneo definir o monacato como um movimento elitista, da mesma maneira que o eram as principais correntes intelectuais do helenismo, mas com uma diferença primordial, pois, muito embora um considerável número de monges proviesse dos estratos superiores da sociedade greco-romana, o ascetismo era uma experiência acessível aos mais humildes e às mulheres, duas categorias que, de acordo com o discurso patriarcal, seriam incapazes de uma existência bela e memorável. Todavia, isso não equivale a supor que o cristianismo, por meio do monacato, tenha dissolvido de um único golpe as distinções classistas próprias da Antiguidade, pois, como salienta a autora (Clark, 2005, p. 43), as antigas noções sobre o que convinha a cada estrato social continuaram a desafiar o desejo de igualdade embutido na pregação evangélica. Mesmo imersos num credo religioso que propunha o nivelamento de todos os devotos na pessoa de Cristo, como declarava Paulo, na *Epístola aos gálatas* (3:28)⁵, os membros da elite dispunham de mecanismos muito mais eficientes para reforçar o seu prestígio do que os menos favorecidos, como vemos no caso das aristocratas que decidiram abraçar o ascetismo, amiúde exaltadas pelos Padres da Igreja como autênticos modelos de virtude, pois, ao renunciarem à riqueza bem como ao status social elevado do qual desfrutavam, teriam experimentado uma privação absolutamente dramática. No entanto, a dilapidação do patrimônio dessas mulheres não era um acontecimento aleatório, mas antes uma forma calculada de obterem reconhecimento público e de interferirem diretamente na vida da Igreja, o que explica o súbito incremento do patronato feminino a partir do século IV.

Na avaliação de Elizabeth Clark (1990), o crescente envolvimento da Igreja com atividades filantrópicas, sobretudo após a ascensão de Constantino, implicou o aumento considerável dos gastos efetuados pelos bispos, que se viram obrigados a buscar outras fontes de renda com o propósito de suprir os fundos eclesiásticos, cujas despesas com a construção e a manutenção de edifícios associados ao cristianismo (*basílicas, hospitia, nosokomia, martyria*), o socorro aos pobres e desvalidos e o sustento do próprio clero aumentam a cada dia. Ao mesmo tempo, ao contrário dos séculos anteriores, quando os ci-

⁵ Segundo as palavras de Paulo, contidas em Gl 3:28, entre os cristãos “não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos vós sois um só em Cristo Jesus”.

dadãos que dispunham de recursos poderiam ofertar os mais diversos *beneficia* – construção ou reparo de estruturas, financiamento de festivais, distribuição de gêneros alimentícios – aos habitantes de sua cidade natal, no século IV, o evergetismo passou a ser exercido, quase exclusivamente, pelos funcionários imperiais (governadores de província, vicários, prefeitos do pretório, *comites*). Nesse contexto, as mulheres da aristocracia viram decrescer sua capacidade de se distinguir socialmente pela via do patronato cívico, como algumas haviam feito no passado, razão pela qual encontraram, no patronato religioso, uma alternativa para se projetarem, ainda mais se levarmos em consideração que a renúncia aos bens materiais, o despojamento e o elogio da pobreza sempre foram, desde a época neotestamentária, pilares da pregação de Jesus, o que fez multiplicar, na Antiguidade Tardia, os exemplos de mulheres que, abandonando seus papéis tradicionais de filhas, mães e esposas, abriam mão também de sua riqueza para se dedicar à oração e à caridade, estimulando assim o rápido crescimento do monacato feminino. Para Clark, se, ao se fazerem ascetas, as mulheres passaram a deter o controle sobre os seus próprios corpos, a contrapelo das normas patriarcais, ao exercerem o patronato eclesiástico elas se mostraram independentes quanto ao uso de seus bens, além de poderem atuar no dia a dia da Igreja, prerrogativa que lhes teria sido negada pelos clérigos ao impedir que as mulheres ocupassem postos na hierarquia sacerdotal.

O fervor religioso demonstrado pelas devotas que romperam os laços familiares e renunciaram aos bens materiais logo se torna um *topos* literário recorrente nos escritos dos padres da Igreja, que buscavam, por meio da “retórica da vergonha”, exortar os homens a seguir os passos das mulheres, observando a continência e desapegando-se da riqueza, de maneira que as ascetas da aristocracia não raro foram alçadas à condição de modelos de virtude. Essas reflexões são desenvolvidas, por Elizabeth Clark, no artigo “Sex, shame, and rhetoric: engendering Early Christian ethics”, publicado, em 1991, no *Journal of the American Academy of Religion*. Na ocasião, a autora se mostrava já bastante sensível aos argumentos do *linguistic turn* e ao impacto dos estudos de retórica sobre o *modus faciendi* dos historiadores profissionais, quando se observa uma alteração nos seus interesses de pesquisa, uma vez que Clark, até então comprometida em recuperar, nas entrelinhas dos textos eclesiásticos, a vida, o comportamento, os desejos e aspirações de mulheres reais, passa a se dedicar com afinco ao estudo da maneira como os autores cristãos concebiam a figura feminina, isto é, como *representavam* as mulheres mediante uma variedade de recursos estilísticos dos quais a formu-

lação de estereótipos foi um dos mais eficazes. Nesse sentido, Clark (1994), em “Ideology, history, and the construction of ‘woman’ in Late Ancient Christianity”, se empenha em demonstrar como a ideologia atuou, na época tardia, para fixar a identidade feminina segundo a ótica dos seus observadores – e, não raro, detratores – masculinos, naturalizando e universalizando os sujeitos femininos com a intenção de demonstrar sua tibieza e sordidez originais, um eficiente mecanismo de manutenção do controle patriarcal sobre as mulheres, procedimento que, todavia, não era isento de contradições, uma vez que, como a autora havia discutido em trabalhos anteriores, as ascetas da aristocracia, ao se tornarem patronas da Igreja, foram amiúde celebradas como seres humanos dotados de um agudo senso de generosidade e de uma insólita capacidade de autocontrole. Nesse caso, poderiam tais personagens “serem mulheres sem o serem”? Eis o dilema formulado por Clark (1994, p. 179) acerca da ambiguidade inerente ao discurso cristão.

O impacto do *linguistic turn* sobre o pensamento de Elizabeth Clark pode ser melhor aquilutado num artigo de 1998, cujo título, bastante provocativo por sinal, é “The lady vanishes: dilemmas of a feminist historian after the ‘Linguistic Turn’”. Nele, a autora faz um balanço dos estudos feministas numa conjuntura em que o paradigma pós-estruturalista, responsável por colocar à prova a capacidade de a linguagem exprimir o mundo “tal como ele é”, já se encontrava consolidado nos meios acadêmicos, o que parecia subsumir os sujeitos históricos em constructos literários, invalidando assim qualquer interpretação essencialista da realidade. A autora, embora reconhecendo o mérito do antigo projeto de se resgatar as mulheres do passado cuja memória havia sido esquecida, etapa necessária na afirmação dos estudos feministas, mostra-se cada vez mais cética quanto à possibilidade de se alcançar as mulheres “reais” por intermédio dos textos eclesiásticos, na medida que estes textos, escritos, em sua esmagadora maioria, por homens, não falariam propriamente das mulheres, mas das imagens (ou representações) sobre elas construídas mediante o auxílio de artifícios retóricos, revelando-nos, por extensão, a lógica social que presidia a relação entre os gêneros no fim da Antiguidade. O assunto volta a ser abordado, em 2001, no artigo “Women, gender, and the study of Christian History”, no qual, ao estabelecer o “estado da arte” acerca dos estudos que tinham por intenção examinar a posição feminina no cristianismo antigo, Clark concluía que, até então, os pesquisadores haviam se concentrado nas atividades desempenhadas pelas mulheres, a exemplo do martírio e do ascetismo, em detrimento do exame

acerca de como a imagem feminina foi utilizada pelos autores cristãos para difundir concepções e valores que atendiam antes e acima de tudo às expectativas masculinas, como propunham os teóricos filiados ao *linguistic turn*. Em sua avaliação, isso teria gerado um descompasso entre a Patrística, um campo habitualmente refratário a novos influxos conceituais, e as demais disciplinas que compõem as Humanidades, constatação, no mínimo, surpreendente, tendo em vista a natureza da documentação disponível para o conhecimento da experiência feminina cristã na Antiguidade Tardia, constituída, em sua maior parte, por textos elaborados segundo as regras da retórica clássica. Considerando que a linguagem é um dos principais instrumentos na definição das identidades e alteridades, Clark sustenta que os pesquisadores deveriam mostrar-se muito mais atentos à maneira pela qual os autores da Patrística “construíram” a figura feminina em suas obras, via de interpretação capaz de abrir novos horizontes acerca da relação entre os gêneros, uma das expressões primárias das relações de poder.

Graduada e pós-graduada em Estudos de Religião e detentora de um profundo conhecimento da literatura patrística, Elizabeth Clark, a partir da década de 1970, impôs a si mesma a tarefa de, no campo de conhecimento no qual era especialista, contribuir para um amplo movimento intelectual e político cujo principal objetivo era converter as mulheres em protagonistas da sua vida e da sua história, o que produziu um enfrentamento inevitável com o *status quo* saturado de atitudes e valores patriarcais. Nesse cenário, Clark desponta como a pioneira nos estudos acerca da atuação feminina na Antiguidade Tardia, uma subespecialidade da História Antiga e Medieval que, como vimos, se consolida *pari passu* com a História das Mulheres. Relendo os textos provenientes da lavra dos Padres da Igreja, assim como as hagiografias, gênero literário que se difunde no final do Mundo Antigo, na tentativa de recuperar a atuação feminina num contexto de acelerada cristianização, a autora detecta, nessas fontes, um manancial de informações a respeito das mulheres, em particular daquelas que romperam o anonimato devido à prática do ascetismo, com destaque para as aristocratas que colocaram seu patrimônio a serviço da evangelização e do cuidado com os pobres, as mais proeminentes, mas não as únicas, diga-se de passagem. Superada a fase inicial, na qual a meta dos historiadores era a de levantar o véu que tornava as mulheres do passado invisíveis para nós, Clark, na década de 1990, ingressa em outra fase da sua atuação profissional, inspirada pelo *linguistic turn*, que alertava para o quanto aquilo que

os textos diziam não exprimia a substância da realidade vivida, mas antes determinada representação (positiva ou negativa) acerca dessa mesma realidade, advindo daí toda a dificuldade em se atingir as mulheres “reais” da Antiguidade Tardia, uma vez que a imensa maioria daquilo que sabemos sobre elas, seus gostos, aptidões, interesses e pensamentos, teria sido formulada por agentes masculinos. No entanto, mesmo capturada, de certa forma, pelas redes do *linguistic turn*, que tende a dissolver a realidade nos textos e a atribuir à forma constituída pelo gênero literário e pelos artifícios retóricos uma primazia hiperbólica, amiúde às expensas do conteúdo daquilo que se pretende transmitir, a autora nunca supôs que os historiadores e historiadoras fossem incapazes de dizer algo sobre as mulheres do passado que escapasse à bitola masculina. Em primeiro lugar, porque acreditava que, em determinadas circunstâncias, a História das Mulheres e a História de Gênero se entrecruzavam, como no estudo das hereges e feiticeiras da Idade Média e Moderna, para o qual contamos amiúde com os depoimentos das acusadas coligidos no decorrer dos inquéritos nos quais estiveram envolvidas. Em segundo lugar porque, a despeito de qualquer moldura sociolinguística destinada a conformar os parâmetros da atuação feminina, a mulher sempre imprime, nessa moldura, as marcas da sua existência real e fecunda, cabendo a nós escrutinar as fontes, desconstruí-las e lê-las a contrapelo, se desejarmos obter uma compreensão mais abrangente – e, acrescentamos, mais autêntica – acerca das mulheres de ontem e de hoje, como pretendeu fazer Elizabeth Clark ao longo de toda a sua fecunda carreira.

Referências bibliográficas

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. Coordenação de Gilberto da Silva Gorgulho, Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. São Paulo: Paulus, 1995.

BRAKKE, David; FERGUSON, Everett; BURNS, J. Patout. Editor’s note: Elizabeth A. Clark and The Journal of Early Christian Studies. *Journal of Early Christian Studies*, v. 14, n. 2, p. 137-140, 2006.

BROWN, Peter. *Corpo e sociedade: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

CLARK, Elizabeth. *Jerome, Chrysostom, and friends: essays and translations*. New York: Edwin Mellen, 1979.

_____; HATCH, Diane. *The Golden Bough, the Oaken Cross: The Virgilian cento of Faltonia Betitia Proba*. Chicago: Scholar Press, 1981.

- CLARK, Elizabeth. *Women in the Early Church*. Wilmington: Michael Glazier, 1983.
- _____. *The life of Melania, the Younger*: introduction, translation and commentary. New York: Edwin Mellen Press, 1984.
- _____. Foucault, the Fathers, and sex. *Journal of the American Academy of Religion*, v. LVI, n. 4, 1988, p. 619-641.
- _____. Patrons, not priests: gender and power in Late Ancient Christianity. *Gender & History*, v. 2, n. 3, p. 253-273, 1990.
- _____. Sex, shame, and rhetoric: en-gendering Early Christian ethics. *Journal of the American Academy of Religion*, LIX, 2, p. 221-245, 1991.
- _____. Ideology, History and the construction of “woman” in Late Ancient Christianity. *Journal of Early Christian Studies*, v. 2, n. 2, p. 155-184, 1994.
- _____; RICHARDSON, Herbert. *Women and religion: the original sourcebook of women in Christian thought*. New York: HarperOne, 1996.
- CLARK, Elizabeth. *St. Augustine on marriage and sexuality*. Washington: Catholic of University Press, 1996a.
- _____. Women, gender, and the study of Christian History. *Church History*, v. 70, n. 3, p. 395-426, 2001.
- _____. Asceticism, class and gender. In: BURRUS, Virginia (ed.). *Late ancient Christianity*. Minneapolis: Fortress Press, 2005, p. 27-45.
- _____. The lady vanishes: dilemmas of a feminist historian after the “Linguistic Turn”. *Church History*, v. 67, i. 1, p. 1-31, 2009.
- _____. The retrospective self. *The Catholic Historical Review*, v. 101, n. 1, 2015, p. 1-27.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- _____. *História da Sexualidade: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- _____. *História da Sexualidade: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- MARTIN, Dale B. Introduction. In: MARTIN, Dale B.; MILLER, Patricia Cox. *The cultural turn in Late Ancient Studies: gender, asceticism, and historiography*. Durham: Duke University Press, 2005, p. 1-21.
- SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 1992, p. 62-95.
- WHARTON, Annabel Jane. Rereading Late Ancient Christianity: Introduction. *Journal of Medieval and Early Modern Studies*, 33.3, p. 383-385.